

BOCAGE LÍRICO: SONETOS DE AMOR E MORTE

Adriana Cristine dos Santos Silva¹

Camila Áxis Landin²

Francidalva Rodrigues Dias³

RESUMO: O presente trabalho desenvolveu-se a partir da proposta de releitura da obra de Manuel Maria Barbosa du Bocage, pois a exploração das produções poéticas do referido autor, em sala de aula, tendem a caracterizá-lo como um poeta satírico e assim empregar no aluno uma limitada perspectiva sobre este poeta. Dessa forma, este trabalho propõe-se discutir a produção lírica bocagiana, contendo-se ao gênero soneto. Para esse fim, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico entre autores consagrados em Literatura Portuguesa, como Massaud, Mourão & Nunes e Passoni, com obras de circulação no âmbito acadêmico; e Terra e Nicola, frequentemente usado no Ensino Médio. Também é discutida neste artigo a construção do lirismo bocagiano, em que alguns sonetos são analisados, considerando para tal fim, a divisão em períodos da vida do poeta português, proposta por Célia Passoni. No decorrer da pesquisa, a hipótese de produções líricas com traços de um certo romantismo, mesmo no início das produções de Bocage, tornou-se mais latente ao ponto de convergir para a consolidação de que Bocage é de fato um pré-romântico.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Lirismo. Pré-romantismo.

RÉSUMÉ : Ce travail a été développé à partir de la proposition de la révision de l'œuvre de Manuel Maria Barbosa du Bocage, car l'exploitation des productions poétiques de cet auteur dans la salle de classe ont tendance à le caractériser comme un poète satirique et celle exploitation peut donc développer chez l'étudiant une fausse perspective sur ce poète. De cette façon, cet article propose de discuter la production lyrique *bocagiana*, en contemplant le genre sonnet. Pour cette raison, on a réalisé une recherche bibliographique entre les auteurs consacrés de la Littérature Portugaise, on cite Massaud, Mourão et Nunes et Passoni, avec des œuvres d'ordre académique; et Terra et Nicola, souvent utilisé dans l'enseignement secondaire. Cet article aborde également la construction du lyrisme *bocagiano*. Et pour mettre en relief le débat et fournir la discussion quelques sonnets ont été analysés, en considérant à cet effet, la division en périodes de la vie du poète portugais proposé par Célia

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em Letras Habilitação em Língua Francesa – UNIFAP, Macapá-AP; Monitora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

² Graduanda em Licenciatura Plena em Letras Habilitação em Língua Francesa – UNIFAP, Macapá-AP; Monitora de Língua Francesa no Curso Pré-Vestibular Para Negros, Praticantes de Cultos Afro-Brasileiros e Pessoas Economicamente Carentes – CPV-NEGROS.

³ Graduanda em Licenciatura Plena em Letras – UNIFAP, Macapá-AP; Monitora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

Passoni. Au cours de la recherche, l'hypothèse de productions lyriques avec des traces d'un certain romantisme, même au début de la production du Bocage, il est devenu claire au point de converger à la consolidation que Bocage est en fait un auteur pré-romantique.

MOTS-CLÉS: La poésie. Lyrisme. Pré-romantisme.

1- INTRODUÇÃO

A literatura tem um importante papel a cumprir no ambiente escolar, tanto no que diz respeito à formação cultural quanto à intelectual; para além disso, no entanto, a literatura desperta a sensibilidade e o senso de humanidade de cada indivíduo. Nada melhor que o lirismo de Bocage para contribuir com esta tarefa, enriquecendo assim a abordagem desse autor em sala de aula, principalmente no Ensino Médio.

A literatura portuguesa, em seu panorama geral, segundo autores como Massaud Moisés (2007), tem uma vocação muito mais à poesia e ao lirismo do que a outras modalidades, como a prosa. Neste caso, um poeta como Bocage, citado pelo próprio Moisés (1999) como um pré-romântico, e que conta com uma notória produção lírica, tem a sua produção satírica muito mais explorada, portanto mais conhecida nas salas de aula.

Diante dessa realidade, é relevante trazer esta faceta tão rica da obra de Bocage, considerando ainda o lirismo deste poeta como uma manifestação de certa constância em todo seu percurso poético. Assim, o presente trabalho pretende abordar as produções líricas do poeta Bocage, proporcionando a análise de alguns de seus sonetos e a construção do eu-lírico em tais obras.

2- CONTEXTO HISTÓRICO

Na segunda metade do século XVIII, a Europa passa por grandes transformações. No que diz respeito ao campo ideológico, tem-se a difusão do pensamento enciclopédico de D'Alembert, Diderot e Voltaire, em 1751; conseqüentemente a essa nova visão ideológica, em 1789 é deflagrada a Revolução Francesa. O ideal iluminista, onde a razão e o progresso são cultuados, passa a ser difundido e absorvido por diversos intelectuais, dentro e fora da Europa.

Portugal ainda vive os resquícios do “período das trevas”, em que as tradições ideológicas são baseadas em dogmas e princípios imutáveis, sombra da estrutura medieval: respira-se ainda o Barroco. Com apoio de D. João V (que reinou de 1707 a 1750) e Luis Antonio Verney⁴ (1713-1792), Portugal começa a ter contato com os ideais iluministas franceses, já que Verney tem ascendência francesa e sua graduação em Teologia teve base enciclopédica. Ele propôs a reforma geral do ensino superior em Portugal e, com sua ativa participação na propagação dessas novas perspectivas, o ensino religioso (e medieval) tão arraigados nas escolas entra em crise.

A partir de então, Portugal começa a respirar novos ares, pois a Universidade abre as portas para as outras concepções. Mas é Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal (1699-1782), sob o reinado de D. José I (1750-1777), que de fato promove a difusão do ideário iluminista, oportunidade em que Portugal experimenta um clima de efervescência cultural que dá origem à estética literária do Arcadismo, também conhecida como Neoclassicismo.

Assim, em 1756, é fundada a Arcádia Lusitana por Antonio Dinis da Cruz e Silva, Manuel Nicolau, Esteves Negrão e Teotônio Gomes de Carvalho. Buscando romper com o movimento Barroco, o Arcadismo vai buscar no Classicismo sua fonte de inspiração. Assim são assimilados o pastoralismo e a poesia camoniana, além da literatura clássica da antiguidade greco-latina, que contribui grandemente com o movimento arcádico, por apresentar a mitológica “Arcádia” como espaço ideal de criação artística e modelo de vida humana. Desse conjunto, tem-se uma produção literária que se opõe à “hidra do mau gosto”⁵ e, em contrapartida, aborda a vida simples do campo como um lugar ideal em meio à natureza, onde tudo transcorre de forma harmoniosa e serena, habitado por belas pastoras e ninfas, contrapondo-se à vida urbana caótica e corrupta em meio à luxúria.

⁴ Foi um filósofo, teólogo, professor e escritor português. Foi um dos maiores representantes do Iluminismo no país e um dos mais famosos estrangeirados portugueses. É o autor de “O Verdadeiro Método de Estudar” (1746).

⁵ O termo refere-se à nova concepção que os árcades buscavam e que se opunha aos excessos barrocos, daí a proposta de uma literatura de “bom gosto”.

É envolto em tais ideais que nasce o grande sonetista Manuel Maria Barbosa du Bocage, respirando a poesia árcade que, por vezes, não consegue conter em seus moldes um tom pessoal com requintes da paixão fervorosa de um coração essencialmente romântico.

3- AS VÁRIAS PERSPECTIVAS SOBRE BOCAGE

O leitor pode encontrar na Literatura Portuguesa um bom acervo sobre a vida e a obra do poeta português Bocage, mas a abordagem sobre este autor sucede de formas diferentes, pois cada crítico o analisa sob uma perspectiva singular. Neste sentido, mostraremos uma análise de algumas obras direcionadas ao público de ensinos Médio e Superior.

Para melhor elucidar esta análise, selecionamos três obras direcionadas ao aluno de Ensino Médio: *Português: língua e literatura* (ABAURRE *et al.*, 2003), *Português de olho no mundo do trabalho* (TERRA; NICOLA, 2004) e *Redação & gramática & literatura* (MAZZAROTTO *et al.*, 2002); além de acrescentarmos a análise de mais uma obra direcionada ao meio acadêmico: *A literatura portuguesa* (MOISÉS, 1999).

Na obra de Abaurre *et al.* (2003), o poeta português é tratado como um árcade irreverente, sendo mencionado o fato de que ele ficou conhecido através de sua poesia satírica. Ao comentarem sobre a poesia lírica, os autores se restringem à citação das temáticas abordadas nesta fase, e apresentam apenas um fragmento poético para ilustrar tal passagem. Por fim, ao término da abordagem superficial das duas "fases", um poema de cunho satírico é analisado.

A obra de Terra e Nicola (2004) aborda as duas vertentes de Bocage – a produção lírica e a satírica –, mas ainda de forma superficial. O lirismo deste poeta é trabalhado com a citação dos sentimentos que permeiam tais composições e informações de como o poeta se comporta na “fase” lírica. No que diz respeito às composições satíricas, a obra ressalta que o poeta era elogiado pelo seu espírito repentista, com suas obras ironizando muitos de seus contemporâneos. Lamentavelmente, o leitor não encontra uma análise profunda que comprove a presença das características citadas.

O livro que melhor discorre sobre o referido autor é o de Mazzaroto *et al.* (2002), pois, apesar de ser uma obra voltada ao Ensino Médio, tem sua estrutura embasada em Massaud Moisés, que confere um caráter mais acadêmico à publicação. A obra trata das duas "fases" do poeta: a satírica e a lírica. A primeira é apenas citada, enquanto que a atenção recai sobre a segunda, que é ressaltada por possuir, segundo os autores, os melhores sonetos, e por ser esta a maior parte da sua produção, já que as obras satíricas somam apenas 69 sonetos de um universo de 375. Apesar de a obra de Mazzaroto *et al.* ser voltada para o Ensino Médio, ela não é adotada pelos professores das escolas públicas.

Durante a análise dos livros didáticos até aqui citados, indagou-se acerca da forma privilegiada que a poesia satírica recebe, entendendo-se que talvez isso resida no fato de esta poesia ser apresentada com alguma análise, o que serve de base para o professor. Também parece que, ao trabalhar a vertente satírica do poeta, o professor encontra maior predisposição do aluno em entendê-la e contextualizá-la.

Em contrapartida, Moisés (1999), em sua obra *A literatura portuguesa*, traz uma breve biografia de Bocage, comentando em seguida as duas "faces" do poeta. É notório que o lirismo é mais explorado, talvez como um recurso para suprir tal carência dos livros didáticos – o que não justifica essa falta de prática em sala de aula, uma vez que se entende que os professores de Ensino Médio já tiveram contato com este material durante sua formação acadêmica. Vale ressaltar que este livro de Moisés teve sua primeira edição lançada na década de 60, e que esta mesma obra é frequentemente utilizada como embasamento teórico para aulas, trabalhos acadêmicos e monografias de finais de curso (TCC's) dos cursos de Letras de universidades de todo o Brasil.

Aqui se faz necessário abrir-se um parêntese para a discussão os termos utilizados para marcar a poesia bocagiana: *fase* e *face*. O primeiro é bem conhecido e utilizado, embora erroneamente, em quase todos os livros didáticos, pois leva o aluno a entender que a poesia em discussão divide-se em períodos definidos, e que em um desses o poeta se dedica a uma lírica de traços um tanto românticos. Essa nomenclatura é equivocada e ultrapassada, pois já em *Sonetos completos de*

Bocage (2005), com apresentação de Célia Passoni, pode-se perceber uma constância na produção de textos líricos, presentes em cada um dos períodos apresentados. Além disso, o termo *fase* é "corrigido" para *face* desde a primeira edição da obra de Moisés, mas passa de forma despercebida por professores e até mesmo por renomados autores, que são responsáveis pela edição e/ou seleção das obras de cunho escolar. Tal realidade se faz presente na vida do aluno do Ensino Médio, criando-lhe ou fixando-lhe uma impressão equivocada sobre a Literatura Portuguesa, de maneira geral, e da obra lírica de Bocage, de modo específico.

4- A CONSTRUÇÃO DO LIRISMO EM SUA OBRA POÉTICA

A produção lírica de Bocage em muito reflete as suas experiências pessoais. Trata-se da produção de um homem que está inserido aos moldes de seu tempo, o modelo *árcade*, mas que dá vazão aos seus conflitos interiores através de sua poética, e assim ele seduz com o tom pessoal de seus versos e convida o leitor a testemunhar e partilhar de seus delírios amorosos.

A palavra "lírico", segundo Mazzarotto *et al.* (2002: 449), provém de "lira", – instrumento musical de cordas muito usado na antiguidade, época em que o poeta contava e/ou cantava as suas obras ao som deste instrumento. Neste tipo de gênero literário, vigora a exaltação do "eu", em que o autor fala de amor, saudade, solidão e morte, despertando assim uma multiplicidade de afetos no leitor. Assim decorre a produção lírica de Bocage, recheada de subjetivismo, abordando temas como os já citados e apresentando um sujeito-amoroso sofredor. O lirismo bocagiano vai, dessa forma, se construindo sobre as bases do egocentrismo, do sentimentalismo e do desejo de fuga.

Em seus sonetos – gênero poético em que Bocage é tido como um dos três maiores da Língua Portuguesa, ao lado de Luís de Camões e Antero de Quental –, o poeta dá vazão aos seus sentimentos. Ao contrário do que prega a poesia *árcade*, podemos encontrar nas obras bocagianas uma perspectiva individual no lugar do universalismo clássico, em que o autor cede espaço ao individualismo, sempre assombrado por um profundo sentimento fatalista, característica dos pré-românticos, segundo Mourão e Nunes (1985), como se percebe nos versos a seguir: "Ah! Só

deve agradar-lhe a sepultura,/ Que a vida para os tristes é desgraça,/ A morte para os tristes é ventura”⁶.

Em suas composições líricas, Bocage evidencia um sujeito-sofredor que se mostra consumido pelos sentimentos e que se deleita em seu pesar amoroso, pois sua poesia se revela sombria ao retratar lugares fúnebres e elementos noturnos. Enquanto seus contemporâneos cantavam a poesia pastoril, o *locus amoenus* – lugar perfeito para o equilíbrio do homem em meio à natureza; sinônimo de tranquilidade, paz e culto à Razão –, Bocage se apropriou deste mesmo espaço campestre moldando-o ao desdobramento de seu próprio eu, refletindo nele seu "estado de espírito", transformando-o no *locus horrendus*.

"Lamenta solitário a perda de sua amada"

O corvo grasnador, e o mocho feio
O sapo berrador, e a rã molesta,
São meus únicos sócios na floresta,
Onde carpindo estou, de angústia cheio:

Perdi todo o prazer, todo o recreio...
Ah malfadado amor, paixão funesta!
Urselina perdi, nada me resta;
Madre terra! Agasalha-me em teu seio:

Da víbora mordaz permite, oh Sorte,
Que nos matos aspérrimos que piso
As plantas me envenene o tênue corte!

Ah! Que é das Graças? Que é do paraíso?
A minh'alma onde está? Quem logra...Oh Morte,
Quem logra de Urselina o doce riso?

Neste soneto o *locus amoenus*, tão apreciado pelos árcades, perde sua característica de "ideal", onde todos os elementos aqui apresentados contrastam com seu molde. Aqui a linguagem tende para o coloquial, e a construção das frases evidencia as ações sobre o próprio "eu": "carpindo estou", "perdi todo o prazer", "nada me resta". Os elementos noturnos: "corvo" e "mocho", juntamente com os termos "sapo" e "rã" são usados para moldar uma paisagem fúnebre onde o autor lamenta a perda de sua amada, a pastora Urselina. O eu-lírico denuncia seu estado de profundo pesar na passagem "Onde carpindo estou, de angústia cheio"; para

⁶Glosando o mote: "A morte para os tristes é ventura" in: Sonetos Completos de Bocage, p. 67.

isso ele usa a palavra “carpir”, que significa prantear, chorar, lamentar-se, arrancar os cabelos “em sinal de dor”.

A Morte é concebida pelo sujeito bocagiano como um alento, uma fuga para o seu *carpir* imposto pelo *Amor*, daí o desejo de morte presente nos versos: “Perdi todo o prazer, todo o recreio.../ [...] Madre terra! Agasalha-me em teu seio”. Mesmo a Sorte é invocada para pôr fim à existência do eu-lírico, por se encontrar privado de sua amada.

Neste caso, o Amor e a Morte são temas recorrentes na lírica bocagiana. Sobre a Morte, aliás, discorrem Mourão e Nunes (1985: 42): “A originalidade de Bocage reside em ter introduzido o espectro da Morte na poesia lusitana, a qual até aí mal tinha ensaiado a nota tétrica e macabra que esteve na origem do autêntico coro funéreo celebrado depois pelos românticos”.

Assim o modelo árcade persiste em Bocage, mas seu conteúdo já denuncia um Romantismo em ascensão.

Em sua vida, o poeta lusitano se deixa consumir pelo fogo das paixões e pela convulsão dos sentimentos, entregando-se ao Amor quase como um ofício sacerdotal, algumas vezes acusando tal sentimento de tirano por lhe causar tantas aflições; em outras ocasiões cultivando sua submissão masoquista perante o mesmo sentimento, assumindo assim um culto às razões do coração em lugar do culto à Razão.

Deixa-me apreciar minha loucura,
Importuna Razão, não me persigas.
[...]
Queres que fuja de Marília bela,
Que a maldiga, a desdenhe; e o meu desejo
É carpir, delirar, morrer por ela.⁷

Considerando ainda a luta entre a Razão e o sentimento, tem-se um dos aspectos temáticos da poesia bocagiana que mais tarde será amplamente retratada pelos poetas românticos, tornando assim tal temática pré-romântica, como complementam Ernani Terra e José de Nicola (2004).

⁷Soneto “A razão dominada pela formosura” in: Sonetos Completos de Bocage, p. 21.

Bocage, em sua vida acidentada, entregou-se a "amores baixos e cortesãos, dissipando sua juventude em uma vida boêmia e arruadeira" (PASSONI1994: 09). Devido ao seu temperamento inquieto e impulsivo que tendia ao exagero, Bocage encontrou, dessa maneira, conteúdo suficiente para debruçar-se tão apaixonadamente em seus versos.

Nesse sentido, segundo Mourão e Nunes (2001: 40.), o poeta cantou vários amores: "o amor carnal, feito da efemeridade do prazer sensual, do beijo-raiva, da luxúria, da frustração"; traços que podem ser evidenciados na passagem: "Lembram-me aqueles olhos tentadores,/ Aquelas mãos, aquele riso, aquela/ Boca suave, que respira amores..."⁸. Considerando ainda este ponto, o poeta teve em suas produções também o Amor-ciúme, que se apresenta por vezes "tortuoso, violento, doentio, que alastra em rubras labaredas de paixão" – "O carrancudo, o rábido Ciúme,/ [...] Ei-lo a meu lado,/ Ferrando as garras na vipérea trança"⁹. Da mesma forma, Bocage trabalha o amor sonhado que se mostra ao longo de seus sonetos como o amor idealizado ao lado de sua amada Gertrúria, sua Gertrudes da vida real, com a qual levaria uma vida tranquila em que os dias se passariam inexoravelmente iguais.

Olhos suaves, que em suaves dias
Vi nos meus tantas vezes empregados;
[...]
Santuários de amor, luzes sombrias,
Olhos, olhos da cor dos meus cuidados,
Que podeis inflamar as pedras frias,
Animar os cadáveres mirrados.¹⁰

Vale ressaltar que o amor idealizado traz consigo as marcas do *locus amoenus*, como no verso "Olhos suaves, que em suaves dias/ Vi nos meus tantas vezes empregados", no entanto, é perceptível a desfiguração desta característica, uma vez que o eu lírico usa no verso seguinte o nome "cadáveres", confirmando assim um possível desejo embasado nos parâmetros do *locus amoenus*, contudo transcrito sob a pena do *locus horrendus*.

Assim também, pode-se encontrar em suas produções o amor por encomenda, ou seja, aquele que em dias festivos o poeta se obrigava a cantar às amadas de outrem, musas de momento:

⁸Soneto "Recordações de Marília ausente" in: Sonetos Completos de Bocage, p. 15.

⁹Soneto "O ciúme" in: Sonetos Completos de Bocage, p. 20.

¹⁰Soneto "O poeta distante da sua amada" in: Sonetos Completos de Bocage, p. 43.

Pode o tosco pincel, que mal sustento,
Pintar ousado divinal beleza?
Oh! Quanto fora temerária empresa!
Pagará icária sorte o louco intento.¹¹

E finalmente um amor platônico, puro e perfeito dedicado à mulher ideal, conforme se pode notar nos versos a seguir: “Oh perfeições! Oh dons encantadores!/ De quem sois?... Sois de Vênus? – É mentira/ Sois de Marília, sois de meus amores”¹².

A obra de Bocage evoluiu através do Arcadismo, apresentando tanto poemas claramente neoclássicos como poemas considerados pré-românticos. Pois, de acordo com Mourão e Nunes (2001), o termo “pré-romântico” diz respeito ao poeta que possui natureza essencialmente emotiva, que prefere o fogo do sentimento em lugar da frieza e da pureza da Razão; evidencia cenários funestos e florestas tenebrosas sempre com presságios e o espectro da Morte; e concebe o Amor como ser supremo ao qual deve se entregar totalmente de forma física e espiritual. Quanto à linguagem dos sonetos bocagianos, tem-se uma produção livre de preconceitos, que ora perpassa por uma convulsão de sentimentos, ora por uma ternura sempre acompanhada de melancolia. Tais características podem ser evidenciadas total ou parcialmente de modo peculiar em cada pré-romântico português, como Filinto Elísio, Marquesa de Alorna, José Anastácio da Cunha e, acima de todos, Bocage.

Dessa maneira, Bocage se apresenta como um precursor dos ideais românticos, posto que suas produções evidenciam uma poesia com traços de um certo romantismo, apesar de contida no modelo neoclássico.

5- SONETOS DE AMOR E MORTE

O poeta Bocage é autor de uma rica e vasta produção literária composta por canções, elegias, odes, sonetos e poemas traduzidos, sendo por isso considerado autor essencialmente lírico. Dentre tais produções, os sonetos são reconhecidos como o mais alto sopro de seu talento dentro da vertente lírica, além de apresentar um tom confessional. Considerando assim os sonetos como um verdadeiro diário da

¹¹Soneto (improvisado)“A uma dama, que lhe pedia quisesse retratá-la”in: Sonetos Completos de Bocage, p. 39.

¹²Soneto “Vênus excedida por Marília em formosura”in: Sonetos Completos de Bocage, p. 13.

vida e da alma de Bocage, nada mais natural que utilizá-los como objeto de estudo, pois o próprio Moisés (1999: 105) sinaliza que “Mais do que o restante da obra, os sonetos documentam-lhe a vida por dentro e por fora: testemunhos de suas andanças e tormentos de alma, constituem verdadeiras páginas de um diário íntimo”.

Bocage, em toda sua vida, produziu centenas de sonetos, e em tais produções a vertente lírica sempre foi a mais explorada. O lirismo bocagiano apresenta traços de um romantismo em ascensão – reitere-se aqui que as produções de traços românticos se apresentam em todas as fases da vida do poeta, como podemos perceber no livro apresentado por Passoni. De acordo com o transcorrer da vida do poeta, tais produções são divididas em: Período da vida militar (1780-1787), Período de expatriação (1788-1790), Período de lutas literárias e prisão (1791-1797) e Período de desalento e morte (1795-1805).

Para melhor perceber-se a presença de certos traços românticos na poesia bocagiana, foram selecionados alguns poemas que, em linhas gerais, abordam a temática do amor e da morte, conforme a cronologia apontada acima.

5.1- PERÍODO DA VIDA MILITAR (1780-1787)

Segundo Maria A. C. Mourão e Fernanda P. Nunes (2001), Manuel Maria Barbosa du Bocage nasceu em Setúbal em 15 de setembro de 1765. Filho segundo do advogado José Luis Soares Barbosa e de uma senhora francesa, Mariana Joaquina Xavier Lestof du Bocage, ficou órfão aos 10 anos.

De acordo com Célia A. N. Passoni (1994), no entanto, Bocage é o quarto dos seis filhos daquele casal, mantendo grande afinidade com os irmãos, especialmente com a última, Maria Francisca, inseparável companheira até a morte. Em 1783, o poeta vai para Lisboa após ter-se alistado na Marinha de Guerra, período em que entra em contato com a vida boêmia e intelectual lisboeta.

Conforme Jane Tutikian (2004), no ano de 1786, Bocage viaja para a Índia, cujo motivo seria seu amor por Gertrudes, eleita como a musa mais importante em suas poesias. Nesse trajeto, o poeta passa pelo Rio de Janeiro, sendo recebido e louvado

pela melhor sociedade brasileira, porém ali fica por um curto período de tempo e neste mesmo ano aporta em Goa.

É nesse período que o poeta viaja por vários lugares em busca de um futuro próspero; no entanto seus planos se frustraram em decorrência de ele ter se entregado a uma vida ociosa e cheia de amores. Apesar de sua vida boêmia, é nesse momento que surgem suas composições dotadas de sensibilidade, revelando seu sofrimento, como se percebe no soneto seguinte, onde o sujeito descreve seu desejo de fuga em conflito com o seu querer quase masoquista de cultuar o sofrimento amoroso. Tal qual no Romantismo, sua lírica tende à valorização do pesar:

"Sonho"

De suspirar em vão já fatigado,
Dando trégua a meus males eu dormia;
Eis que junto de mim sonhei que via
Da Morte o gesto lívido, e mirrado:

Curva foice no punho descarnado
Sustentava a cruel, e me dizia:
"Eu venho terminar tua agonia;
Morre, não penes mais, oh desgraçado!"

Quis ferir-me, e de Amor foi atalhada,
Que armado de cruentos passadores
Aparece, e lhe diz com voz irada:

"Emprega noutro objeto os teus rigores;
Que esta vida infeliz está guardada
Para vítima só de meus furores."

Neste texto, o eu-lírico relata o duelo entre o Amor e a Morte pela conquista do direito de domínio sobre a vida do sujeito. Ao adormecer, cansado de seu pesar, o poeta sonha que a Morte se aproxima e lhe diz: "Eu venho terminar tua agonia", mas o Amor interrompe o ataque da Morte, dizendo que "esta vida infeliz está guardada/ Para vítima só de meus furores".

O eu-poemático aqui parece ter nenhuma esperança de cessar sua agonia, apesar de ele descrever a figura da Morte portando uma foice, de aparência mirrada e gesto lívido, e ainda caracterizá-la como cruel. O fato de o Amor tê-lo salvo não lhe parece muito esperançoso, pois, ao descrever as palavras proferidas pelo Amor, o

eu-lírico utiliza o termo "furores" para terminar seu poema. Assim, neste contexto, o amor obscurece a razão de forma violenta.

Dessa forma, a ideia de amor é concebida pelo eu-lírico como fardo doloroso, algo do qual não se pode fugir. A personificação do amor em ser supremo só ratifica a condição humana e falha do sujeito, por tanto, inferior diante da violência de tais forças. A poesia resgata, de forma implícita, a ideia de destino, pois o sujeito bocagiano se percebe como um pobre mortal, impotente ante a superioridade e a tirania do Amor, atribuindo seus compadecimentos à força inexorável do destino.

Assim, a lírica de Bocage encontra no sentimentalismo a fonte de inspiração para suas convulsões amorosas e confissões de alma. Trata-se também de um princípio para as suas angústias e lamentações desencadeados pelo Amor, posto que sua vida é controlada pelo destino, construindo-se o desejo de fuga – por meio da morte – que o cerca, mas que não alcança, uma vez que parece certo da superior dignidade do sofrimento.

O caos sentimental exteriorizado através dos versos de Bocage é experimentado também pelos românticos, uma vez que o desencadeamento de seus versos propõe a sequência: angústia imposta pelo amor; desejo de fuga; não concretização desse desejo por se aceitar predestinado ao sofrimento; e a concepção da superioridade do pesar amoroso, como num movimento de resignação. Nesse sentido, tal percurso se apresenta de forma cíclica, e assim, Bocage se mostra precursor do ideário romântico.

5.2- PERÍODO DE EXPATRIAÇÃO (1788-1790)

De acordo com Jane Tutikian (2004), três anos depois de ter chegado a Goa, Bocage é promovido a tenente e segue para Damão – ambas possessões portuguesas na Índia. Não suportando o tédio da caserna, foge e viaja para a China, chegando em 1789 em Macau. Segundo Moisés (2007), é no ano seguinte que Bocage regressa a Portugal. Ao retornar, sabe com tristeza que Gertrudes se casara com seu irmão mais velho, Gil duBocage. Desgostoso, o poeta entrega-se definitivamente a uma vida desregrada e à boêmia, ao mesmo tempo em que frequenta a Nova Arcádia sob o pseudônimo de Elmano Sadino – obtido a partir de

um anagrama de Manuel, seu primeiro nome, e Sadino, em homenagem ao rio Sado, que banha sua cidade natal (Setúbal).

Em vários momentos desse período, as composições de Manuel Maria Barbosa du Bocage são dedicadas aos amores da sua vida real, mas de forma intensa essas poesias fazem referência à saudade que o poeta sente por seu grande amor, Gertrudes, como se pode notar no soneto:

"Oráculo de amor"

Alva Gertrúria minha, a quem saudoso
Mando trêmulos ais enternecidos;
Gertrúria, que encantaste os meus sentidos
Cum meigo riso, cum olhar piedoso:

Amor, o injusto Amor, nume doloso,
Insensível penedo a meus gemidos,
Me exala sobre os tímidos ouvidos
Estas vozes cruéis em tom raivoso:

"Tu, que já desfrutaste os meus favores,
Tu, que na face de Gertrúria bela
Néctar bebestes, mitigaste ardores,

Não tornarás, não tornarás a vê-la:
Lamenta, desgraçado, os teus amores,
Acusa, desgraçado, a tua estrela."

Neste poema, perceber-se um eu-lírico encantado por sua amada, Gertrúria, que envolve os seus sentidos através da lembrança que esse tem do "meigo riso" e do "olhar piedoso" da amada. Essa lembrança ou saudade reside no fato de o sujeito se encontrar longe do objeto amado. Sua tristeza se resume nos versos: "Alva Gertrúria minha, a quem saudoso / Mando trêmulos ais enternecidos".

A partir do título e da segunda estrofe do texto, têm-se o diálogo entre o sujeito e o oráculo¹³ (o próprio Amor). Nesse sentido nota-se, na estrofe, que ocorre entre os dois uma espécie de "consulta" do eu-lírico ao oráculo, ou seja, ao Amor, que se mostra conflituosa no decorrer do texto, onde o sujeito acusa tal sentimento de injusto, culpado e insensível à sua tristeza: "Amor, o injusto Amor, nume doloso, / Insensível penedo a meus gemidos".

¹³ Oráculo: originário do latim *oraculum* – resposta da divindade a quem a consultava.

Nas estrofes seguintes, percebe-se que a fala do oráculo revela ao eu-lírico que não lhe resta esperança em relação a sua causa; que a oportunidade de estar junto a Gertrúria já ocorreu e que, se não soube viver esse momento, só lhe resta lamentar o destino sem a sua amada; em outras palavras, só resta ao consulente sofrer por estar longe dela: “Tu, que na face de Gertrúria bela/ Néctar bebestes, mitigaste ardores,/ [...]Lamenta, desgraçado, os teus amores”.

O sujeito presente no texto se mostra sofredor e a ausência de sua amada é a causa de seu pesar. A angústia lhe atormenta o peito ao ponto de não restar nem uma esperança, pois o oráculo lhe tira tal sentimento, sendo indiferente ao seu sofrimento. Percebe-se ainda um sujeito oprimido pelo destino irreversível, contra o qual não há nada que se possa fazer; ou seja, sua sorte esta fadada a viver sem sua amada. “Não tornarás, não tornarás a vê-la”.

E assim, neste soneto, pode-se notar em seu conteúdo que o poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage nos apresenta um ser voltado à infelicidade, à melancolia e a um destino fatídico. Tais características fazem parte de um romantismo em ascensão.

5.3- PERÍODO DE LUTAS LITERÁRIAS E PRISÃO (1791 A 1797)

No período de 1791, ocorrem as publicações do primeiro volume de suas *Rimas e Idílios Marítimos*, recitados na Academia das Belas-Artes de Lisboa. Conforme Mourão e Nunes (2001), no ano de 1797, Bocage é preso na cadeia de Limoeiro e condenado a receber doutrina dos oratorianos, acusado de conspiração contra a segurança do Estado, como “autor de papéis ímpios, sediciosos e críticos” (MOURÃO; NUNES, 2001: 16). Quatro meses depois, com a intervenção de amigos, Bocage é transferido para as prisões inquisitoriais, sob a acusação, menos grave, de se insurgir contra a religião. Em seguida, o poeta foi transferido para o Mosteiro de São Bento da Saúde e, mais tarde, para o Hospício das Necessidades.

Os desregramentos de Bocage, os costumes libertinos e a sua liberdade de pensamento o levaram à prisão onde, em versos, o próprio poeta revela seus padecimentos. Desse período de lutas literárias e prisão, o soneto “Ao Dr. Manoel Bernardo de Sousa Melo” constitui-seum exemplo para a próxima discussão.

Neste soneto, o eu-lírico se revela vítima de um amor obstinado, onde há novamente o duelo entre o amor e a morte para ver qual dos dois lhe arrebataria a vida, pois o amor em Bocage é fatídico e trágico, como já fora mencionado.

Ao Dr. Manoel Bernardo de Sousa e Melo

Em ermo cemitério, em hora escura
Bernardo sepulcral no chão jazia,
Onde epicédio fúnebre tecia
Ao bem que lhe arrancaste, oh Parca dura!

Era Igênia de tal a formosura
Que temporã descera à terra fria;
E o carrancudo vate assim carpia
Junto da triste, amada sepultura:

“Mochos, sócios de um mísero que chora,
Africanos leões, tigres de Armênia,
Dai lágrimas ao mal, que me devora:

Acode ao lasso amante, acode, Igênia!...”
Eis a campa rebenta, e surgem fora
Dois vampiros bailando ao som da nênia.

Como se pode perceber, o amante sofre pela perda de sua amada Igênia, e fica junto à sepultura desta, lamentando o amor que a morte lhe roubara, mostrando um homem submetido ao peso da angústia, da solidão e da morte: “Era Igênia de tal a formosura/ Que temporã descera à terra fria”. O eu-lírico ainda se utiliza de elementos que conclamam as entidades mitológicas para demonstrar o quão é dolorosa a ausência de sua amada: “Onde epicédio fúnebre tecia/ Ao bem que lhe arrancaste, oh Parca dura!” É nítida a emoção do sujeito quando despeja suas queixas em tom de lamento; além disso, pode-se perceber que existem elementos em associação da Morte com a Noite, como no verso “Em ermo cemitério, em hora escura”, que apresenta traços do pré-romantismo.

Na 3ª estrofe, o termo “mochos” nos remete mais uma vez à utilização de elementos de maus presságios, evidenciando numa poesia noturna os traços de inspiração romântica. O sujeito amoroso pede ainda às estátuas que enfeitam a sepultura para que se compadeçam de seu sofrimento e chorem juntamente com ele, pois não suporta a dor que lhe consome: “Mochos, sócios de um mísero que chora,/ Africanos leões, tigres de Armênia,/ Dai lágrimas ao mal, que me devora”.

Já bastante cansado, ele suplica a sua amada para que o acuda, contudo desejando a morte para que possa encontrar o seu amor. E o inesperado acontece, pois a laje que cobre o sepulcro rompe-se “e surgem fora/ Dois vampiros bailando ao som da nênia”. Pode-se inferir que os vampiros estão simbolizando a eternidade, o transcendental, apesar de existirem maneiras de exterminá-los. Neste texto tem-se a ideia de que os vampiros são imortais e, dessa forma, os dois vampiros simbolizam o amante e sua amada juntos em um plano superior, onde o amor será concretizado finalmente. Seria uma espécie de metáfora da morte, onde nesta cena o amado é ouvido em suas súplicas (morre) e encontra a sua amada, vivendo felizes em um outro plano, enquanto outros lamentam a morte dos amantes.

Ainda é muito presente o recurso de termos mitológicos para teatralizar seus sentimentos, como o uso da palavra “Parca”¹⁴. Mas, apesar deste recurso típico da escola árcade, Bocage insiste na descrição de lugares fúnebres e noturnos para tecer suas angústias e expectativas. Sua predileção pelo *locus horrendus* o afasta do ideário árcade e o aproxima, dessa forma, cada vez mais dos poetas românticos.

5.4- PERÍODO DE DESALENTO E MORTE (1795-1805)

Após o período na prisão em 1798, Bocage é libertado, sob influência do ministro José Seabra da Silva. No ano seguinte, o poeta publica o segundo volume das *Rimas*. Mas em 21 de dezembro 1805, Bocage morre com apenas 40 anos, vítima de um aneurisma.

Aos três volumes de sua obra, postumamente sob o título de *Obras Poéticas*, são acrescentados mais dois volumes (1812 e 1813): *Verdadeiras Inéditas Obras Poéticas* (1814) e, em 1853, as *Poesias*, com seis volumes, publicado por Inocêncio Francisco da Silva, completando assim a poética impressa de Manuel Maria Barbosa du Bocage.

Na agonia da morte, Bocage faz confissões de arrependimentos da vida que levava. O resultado do sofrimento do autor deu origem a um sujeito amoroso (sofredor/reflexivo) capaz de produzir sonetos com tamanha paixão, nos quais

¹⁴ Cada uma das três deusas (Cloto, Láquesis e Átropos) que, consoante à mitologia, fiavam, dobravam e cortavam o fio da vida.

sintetiza seus sentimentos e mesmo os personifica para transmitir, enfim, sua dor à espera da morte. A emoção do conteúdo e a contenção da forma de seus versos explicam, pois, o sentido do termo “pré-romântico”.

Desse período o soneto selecionado para discussão foi “Vendo-se acometido de grave enfermidade”, soneto em que o eu-lírico confia suas expectativas fatalistas em relação ao seu destino. O desejo de morte, o destino imutável e sua postura quase sádica ao expor o que se passa na alma são traços inegáveis de um romantismo já em curso, além de uma poesia lírica mais madura.

"Vendo-se acometido de grave enfermidade"

Pouco a pouco a letífera Doença
Dirige para mim trêmulos passos;
Eis seus caídos, macilentos braços,
Eis a sua terrífica presença:

Virá pronunciar final sentença,
Em meu rosto cravando os olhos baços,
Virá romper-me à vida os tênues laços
A foice contra a qual não há defesa.

Oh! Vem, deidade horrenda, irmã da Morte,
Vem, que esta alma avezada a mil conflitos,
Não se assombra do teu, bem que mais forte:

Mas ah! Mandando ao Céu meus ais contritos,
Espero que o primeiro que o teu corte
Me acabe viva dor dos meus delitos.

Neste texto, é possível perceber a maturidade da lírica bocagiana, no momento em que o eu-lírico descreve sua espera angustiante pelo fim de sua vida: “Pouco a pouco a letífera Doença/ Dirige para mim trêmulos passos/ Virá pronunciar final sentença”. Mais do que a visão macabra da personificação da doença: “Eis seus caídos, macilentos braços,/ Eis a sua terrífica presença”, o leitor também pode encontrar o momento de maior contrição do sujeito bocagiano: “Mas ah! Mandando ao Céu meus ais contritos”, e sua expectativa de pôr fim a uma “alma avezada a mil conflitos”. Tem-se então uma poesia que, apesar de conter características como o fatalismo e a poesia noturna, também aponta para uma poesia mais sacra, que tende à concepção de espírito, à busca por uma (re) conciliação com “Deus” e à esperança de elevar o espírito a um plano superior.

Ao longo dessas análises, o leitor pôde perceber que, a cada fase cronológica do poeta Bocage, apresentam-se sonetos líricos para comprovar a hipótese de que tais produções não se restringem a um período específico da vida do referido autor. Ao contrário, tais produções são numerosas e de certa constância, independentemente do período cronológico de que fazem parte. Daí o entusiasmo em uma abordagem diferenciada das já conhecidas e mais frequentemente realizadas em sala, ou seja, de se trabalhar as produções satíricas.

CONCLUSÃO

Pretendeu-se neste artigo proporcionar, de forma clara e concisa, uma análise da poesia lírica bocagiana, reunindo, para esse fim, documentos literários (sonetos) expressos em uma análise de conteúdo e uma discussão literária de alguns autores de renome na área.

A elaboração deste trabalho teve início com a discussão da forma privilegiada com a qual é tratada a poesia satírica de Bocage, fomentando assim a necessidade de uma análise mais elaborada da sua produção lírica, explorando não apenas as características que elas apresentam, mas como elas são evidenciadas no texto. Assim, foi discutida a construção do lirismo nas produções do poeta português Bocage, ressaltando tanto as características árcades – como o recurso da mitologia – como também as características românticas – o *locus horrendus* e o desejo de morte.

Para melhor apreciação das análises, os sonetos foram dispostos de acordo com a divisão em períodos da vida do poeta, confirmando assim que as produções de traços românticos estão presentes em todo o decorrer de suas obras. Dessa forma, durante as análises, a hipótese de que as produções líricas marcadas de um tom pessoal, subjetivo e confidencial, notório nos poetas do movimento literário posterior, consolidou Bocage como um precursor do ideário romântico. Posto que as características líricas que apresenta satisfazem o conceito de pré-romântico proposto por Mourão e Nunes.

Portanto, o presente trabalho se constitui num instrumento de auxílio nas aulas de Literatura Portuguesa, para acadêmicos dos cursos de Licenciatura Plena

em Letras, visando difundir posteriormente tais ideias em salas de aula do Ensino Médio, além de estar acessível ao público interessado.

REFERÊNCIAS

ABAUURRE, Maria Luiza, PONTARA, Marcela Nogueira e FADEL, Tatiana. *Português: língua e literatura*. 2ª ed. São Paulo: Moderno, 2003 (Coleção Base).

BOCAGE, Manoel Maria Barbosa du. *Sonetos completos de Bocage*. Apresentação de Célia A. N. Passoni. 2ª ed. São Paulo: Global, 1985.

MASSAUD, Moisés. *A literatura portuguesa*. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

MASSAUD, Moisés. *A literatura portuguesa através dos textos*. 30ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MASSAUD, Moisés. *Poesia arcádica: literatura portuguesa*. Seleção de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli. São Paulo: Global, 1985 (Coleção literatura em perspectiva).

MAZZAROTTO, Luíz Fernando, LEDO, Teresinha de Oliveira e CAMARGO, Davi Dias de. *Redação & gramática & literatura*. São Paulo: DCL, 2002.

MOURÃO, Maria Antônia Carmona, NUNES, Fernanda Pereira. *Bocage: antologia poética*. 4ª ed. Lisboa: Biblioteca Ulisséia de Autores Portugueses, 2001.

PASSONI, Célia A. N. *Sonetos de Bocage: poesia comentada*. 1ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Núcleo, 1994.

TERRA, Ernani e NICOLA, José de. *Português de olho no mundo do trabalho*. Vol. único. São Paulo: Spicione, 2004.

TUTIKIAN, Jane. *Bocage: o delírio amoroso e outros poemas*. Porto Alegre: L&PM, 2004 (Coleção L&PM Pocket, vol. 382).